

# Sacrificios Humanos



# Sacrificios Humanos

**María Fernanda Ampuero**



# SUMÁRIO

BIOGRAFIA	9	INVASÕES	75
CRETES	29	PIEIDADE	85
ASSOBIO	39	SACRIFÍCIOS	91
ESCOLHIDAS	49	EDITH	105
IRMÃZINHA	55	LORENA	111
SANGUESSUGAS	69	FREAKS	117

*A Pablo*

*Escrever é também abençoar uma vida  
que não foi abençoada*

**CLARICE LISPECTOR**



# BIOGRAFIA

Que imprudente, que louca, dirão, mas gostaria que me vissem sem documentos em outro país, contando e alisando as poucas notas para poder pagar o quarto e comprar um pão e um mísero café. Desespero e internet se juntam, cavalgam, dão à luz crias monstruosas, atrocidades.

Nas páginas de busca de emprego, ia anotando todas as opções de trabalho que podiam oferecer a alguém como eu.

Limpar, cuidar, cozinhar, lavar, costurar, vender, distribuir, classificar, coletar, empilhar, reabastecer, cultivar, atender, vigiar.

Eu ligava e, no mesmo instante, me perguntavam por meus documentos.

- Meu visto de residência está para sair.
- Ligue para nós quando estiver com ele.
- Seus documentos estão em ordem?
- Ainda não.
- Aqui não empregamos ilegais.

Era assim todos os dias.

A angústia me subia pelo peito como uma criatura negra, gelada, rangente, com ferrões. Vocês conhecem esse animal? É difícil explicar como ele faz um ninho em suas costas. É como morrer e permanecer vivo. É como tentar respirar debaixo d'água. É como ser amaldiçoada.

Nessas circunstâncias, escrever é a coisa mais inútil do mundo. É um conhecimento ridículo, um fardo, um fingimento. Escriturária estrangeira de um mundo que a odeia.

Uma tarde, depois de responder a não sei quantos anúncios me oferecendo como cuidadora, babá, faxineira, cozinheira, e ouvir que sem documentos não seria possível, que não empregavam ilegais, resolvi publicar uma coisa ridícula.



*Você acha que sua história vale um livro, mas não sabe como contá-la? Ligue para mim! Vou escrever sua vida!*

Não achei que aquela mensagem, com seus pontos de exclamação, fosse do interesse de ninguém.

Porém, na mesma hora meu telefone tocou. Número desconhecido.

— Tenho uma história que o mundo deveria conhecer.

Chamava-se Alberto. Disse que morava numa cidadezinha do Norte, que pagaria o que eu pedisse, que não poderia me dar mais detalhes pelo telefone e que eu teria de viajar no dia seguinte se estivesse interessada no trabalho.

Depois de um silêncio que ninguém rompeu, pedi muito dinheiro porque aquela voz me assustava, porque eu teria de atravessar um país que não conhecia e porque pensei que pagar aquela quantia a uma desconhecida, uma estrangeira desconhecida, o faria desistir.

— Vou te enviar um sinal agora mesmo.

O fato de ele ter parado de me tratar formalmente me assustou. Há uma familiaridade que os homens mais velhos às vezes adotam e que você não sabe se é porque te veem como uma filha boba, ou porque querem pôr as mãos em você, ou por ambas as coisas.

Logo depois que me tornei imigrante, meu chefe na lan house, o mesmo que me dizia que eu parecia a filha dele, que tinha ficado em seu país natal, havia tentado me estuprar numa daquelas cabines telefônicas onde outros e outras como eu lamentavam seus mortos ou consolavam seus vivos. Vendo que eu resistia, bateu minha cabeça contra um telefone. Com a boca cheia de sangue, eu me virei, gritei, cuspi nele.

Saí correndo seminua pelas ruas recém-lavadas e ninguém chamou a polícia, pois naquele bairro todo mundo sabia que quem a polícia realmente castigava eram aqueles que estavam sem os documentos em ordem, não os estupradores.

Meu chefe tinha todos os documentos em dia e quem estava em apuros era eu.

Olhem para mim, olhem para mim. Estou correndo rua abaixo sem um dos sapatos, a blusa aberta, o sutiã rasgado, a saia enrolada na altura dos quadris.

Olhem para mim, olhem para mim. Estou gritando como se tivesse escapado de uma explosão, o fogo ainda chamuscando meus cabelos, liberando no ar o cheiro da carne, os dentes manchados de sangue escuro. Grito que estou morrendo, que vão me matar.

Olhem meus vizinhos, calados, dos dois lados da rua. A procissão de Nossa Senhora dos Estrangeiros, virgenzinha sem pompa, que não tem a mínima importância.

Chorei no chuveiro com o sangue sujando a água como no cinema, e no dia seguinte comecei a procurar outra ocupação. Não recebi pelos dias que trabalhei na lan house.

Quando o tal Alberto me mandou o adiantamento, uma fortuna para mim, quis gritar de alegria, mas algo me disse para não fazer isso.

Nós, imigrantes sem documentos, guardamos as cédulas de cores desconhecidas perto do peito e as aquecemos com o coração, como filhos pequenos. Nós também as demos à luz, com uma dor que nos parte em duas e que o corpo não esquece.

Pensei muito, até que a cabeça doesse, sobre minhas opções. Perguntei à mulher que me alugava um espaço para dormir na sala dela, minha única conhecida na cidade, minha compatriota, e ela disse que sim, que era perigoso, na verdade muito perigoso, mas era pior ficar na rua.

— Veja, meu bem, quando você emigra sabe que qualquer coisa pode acontecer, como na guerra. Não se emigra se for para viver com medo. Cerre bem os dentes e aperte bem as pernas e faça o que tem de fazer: você sabe que o primeiro dia do mês já está chegando.

Naquele dia, com a quantia que o tal Alberto me enviou, eu me senti humana por algumas horas. Mande dinheiro para casa, falei com meus pais ao telefone e pedi que beijassem minha

filha por mim, entrei num supermercado e comprei carne e frutas frescas, tomei um café sentada no terraço de um bar, como qualquer mulher.

Então o medo me inundou com sua água ácida.

Em casa comi assustada, como os vira-latas comem. À noite, peguei um ônibus em direção ao Norte. No caminho, não sei a que horas, adormeci.

Sonhei que um peru tinha entrado furtivamente no quarto da minha filha e estava bicando sua moleira. Soube de imediato que o peru era um demônio, e que os demônios se alimentam dos pensamentos puros dos bebês. Eu queria gritar, mas não tinha boca. Os gritos ecoavam em minha cabeça, por dentro, como um chocalho, fazendo meu coração crescer cada vez mais até eu quase não conseguir respirar. Eu não tinha pernas. Também não tinha braços para pegar meu bebê e levá-lo para longe do peru. Eu não era uma pessoa, era um olho, um olho que chorava leite de sangue, de um seio infeccionado, sobre minha filha. O peru se virou e olhou para mim. Seu rosto era meu rosto. Ele gritou para eu correr.

— Corra!

Acordei com meu próprio grito, e a mulher ao meu lado olhou para mim com raiva e mudou de lugar. Estrangeira, pensou. São tão esquisitas, pensou. Ela deve estar doente, pensou. Eu lhe causei asco.

Esperava-me na estação um homem que não era o tal Alberto, mas sim alguém que, disse ele, era discípulo do mestre Alberto. Era velho, ou assim parecia: não tinha dentes e batia em meus ombros. Usava calça e camisa pretas e uma espécie de capa de pano com capuz que o fazia parecer muito estranho no meio de tantas pessoas com jaquetas acolchoadas.

Passou por minha cabeça dizer que ia ao banheiro, comprar uma passagem de volta e esquecer o assunto, mas a outra metade do pagamento me fez ficar. Para que vim, senão para

ganhar dinheiro? Para que vim, senão para dar a cara a tapa? Para que vim, senão para tentar sobreviver aos golpes da vida?

Mulheres desesperadas são a carne da moenda. Nós, imigrantes, além disso, somos os ossos que trituram para que os animais comam.

A cartilagem do mundo. A cartilagem pura. A moleira.

Pensei em meus pais, a milhares de quilômetros de distância, esperando pelas transferências para começar a pagar minha dívida de viagem e alimentar minha filha. Claro que sabíamos que os agiotas são feras perigosas que facilitam tudo até que você esteja em apuros e depois te devoram vivo, mas também sabíamos que permanecer no país era ainda mais insensato.

Ao nos dolarizarmos, fomos lançados à merda: e que cada família sacrifique seu melhor cordeiro.

Tínhamos escutado histórias de imigrantes com dívidas a quem aquelas vozes aterrorizantes ligavam para dizer que naquele momento estavam vendo sua filhinha brincar no parque, e como sua filhinha é linda de trancinhas, ela deve cheirar bem, já está crescidinha, né? Parece uma flor.

Andei com o velho por meia hora num carro preto comprido. Eu estava muito assustada para conversar e ele parecia não estar lá, como se fosse um motorista pintado num carro de brinquedo. Deixamos para trás a cidade, os postos de serviço, os polígonos industriais, e seguimos por uma estrada secundária abandonada que desembocava na floresta.

Foi quando descobri que meu telefone estava sem sinal.

Foi quando chegamos à casa desse tal Alberto.

A casa era quase bonita, de pedra branca com telhado vermelho e muitos girassóis na entrada. De um lado havia gaiolas de coelhos e galinhas e um poço. A casa tinha uma chaminé, da qual saía fumaça, e uma churrasqueira de tijolos.

Lembrei-me daqueles que se deixaram seduzir pelas janelas de açúcar através das quais a bruxa canibal olhava, gananciosa.

Alberto saiu para me receber com um doberman de cada lado. Quando criança, tive uma doberman chamada Pacha, a quem alimentava com flores, folhas, tudo o que pudesse encontrar. Ela era dócil e terna até que um dia deixou de sê-lo. Arrancou um pão doce e dois dedinhos da mão direita da minha irmã bebê.

Naquela tarde, meu pai amarrou Pacha, alimentou-a, acariciou suas costas macias como seda preta e depois atirou em sua cabeça.

Eu vi tudo da janela.

Perguntei a Alberto se os cães eram bravos e ele disse que sim.

Quando me virei para me despedir do velho, o carro tinha sumido, e não havia nem sinal da poeira que ele deve ter levantado ao partir.

Por alguns segundos, Alberto e eu nos entreolhamos, nos reconhecemos.

Olhem para mim, olhem para mim. Frágil como o pescoço de uma galinha. Uma mulher estrangeira com uma mochila nas costas diante de um homem desconhecido com dois cães enormes e ferozes na parte mais remota de uma cidade remota num país remoto.

Olhem para mim, olhem para mim. Pouca coisa para o mundo, sacrifício humano, nadica de nada.

Aqui não vão me ouvir gritando.

Mesmo se minhas cordas vocais estourarem, mesmo se eu gritar até me despedaçar, ninguém vai me ouvir. Não há nada além das árvores, só o lindo céu de inverno, mas sob as árvores e sob os céus mais lindos acontecem coisas terríveis, e eles ainda permanecem lá, inabaláveis, estranhos, alheios.

As que foram comidas pelas formigas, as que já não parecem meninas e sim rascunhos, os pulsos desconjuntados, as pretas de queimaduras, os puros ossos, as furadas, as decapitadas, as desnudas sem pelos pubianos, as esfoladas, as bebês com um único sapatinho branco, as que infartam pelo pavor do

que estão fazendo com elas, as amarradas com suas próprias calcinhas, as esvaziadas, as estupradas até a morte, as que são arranhadas, as que dão à luz vermes e larvas, as mordidas por dentes humanos, as machucadas, as sem olhos, as estripadas, as roxas, as vermelhas, as amarelas, as verdes, as cinzentas, as degoladas, as afogadas comidas pelos peixes, as dessangradas, as perfuradas, as desmanchadas em ácido, as espancadas a ponto de desfigurar-se.

Elas, todas elas, pediram ajuda a deus, ao homem, à natureza.

Deus não ama, os homens matam, a natureza faz chover água limpa sobre corpos ensanguentados, o sol branqueia os ossos, uma árvore solta uma folha ou duas no rostinho irreconhecível da filha de alguém, a terra faz crescer girassóis robustos que se alimentam da carne violácea das desaparecidas.

Se eu sair correndo, Alberto vai soltar os cachorros.

Quem avisará meus pais? Alguém vai me encontrar algum dia? Minha filhinha vai crescer pensando que sua mãe a abandonou? Os agiotas perdoarão nossa dívida?

Olhem para mim, olhem para mim. Com medo de demonstrar medo. Que Alberto me veja assustada pode ser o gatilho, o fósforo, o curto-circuito: por que tão nervosa? Eu te assusto? Agora você vai ver, sua puta de merda, o que é medo de verdade.

Olhem para mim, olhem para mim. Eu finjo confiança e sorrio. Ele não me devolve o sorriso.

Perguntei o nome dos cachorros e ele murmurou algo que não ouvi, mas não me atrevi a perguntar de novo. Aprendi muito jovem a não importunar o homem bravo, o homem bêbado, o homem desconhecido, o homem.

Aprendi a não dizer que essa boca é minha, porque nunca foi.

Ele entrou na casa e eu o segui. Por quê? O coração de um imigrante é um pássaro preso entre as mãos.

Preciso comer.

Preciso dar de comer.

Preciso ser comida.

Quando ele fechou a porta com o trinco, uma parte de meu corpo ficou arrepiada e a outra se transformou em chumbo. O coração se recolheu como se estivesse sendo selado a vácuo. Meus lábios grudaram na gengiva. Engoli vidro moído. Mal conseguia respirar.

Olhem para mim, olhem para mim. E me escutem. Eu digo a mim mesma: não é nada de mais, sua boba, você vai ver. Você vai ouvir a história que esse homem tem a contar e depois ele vai te levar de volta para a estação, você vai entrar no ônibus e tirar uma soneca deliciosa. Você terá dinheiro para enviar para longe. Sua filha poderá usar um vestido novo, sua mãe poderá fazer camarão ensopado, você existirá de corpo inteiro. Você existirá, idiota, você existirá.

O interior da casa era escuro e cheirava a comida rançosa, a algo com repolho que se cozinhou há muito tempo e fermentou, a pouca ventilação, a sujeira, a ar viciado. Quase não havia móveis, quadros ou espelhos. Parecia uma casa abandonada, um covil. Pedi o telefone a Alberto e ele respondeu que não tinha pagado a conta e a linha havia sido cortada. Também a luz.

Senti como se tivesse pisado numa mina terrestre, ouvi dentro da cabeça o som de uma trava, *click*. Eu estava na armadilha, aquela que faz os animais da floresta mastigarem a própria pata para fugir e sangrar no caminho. Um lampejo de terror me cegou por alguns segundos e, quando abri os olhos, olhei para ele em busca de compaixão, um pedido de desculpas, uma compreensão do terror de uma estrangeira sozinha, quem sabe onde, quem sabe com quem.

Não havia nenhuma. Nada.

Quanto tempo é preciso fingir que está tudo bem até você reconhecer que está infinitamente ferrada e que sabe disso? Quanto tempo você tem de esperar até tentar alcançar um cinzeiro, um atizador, um vaso para estourar na cabeça dele? Quanto de prudência pode demonstrar um animal ameaçado? E uma mulher?

Olhem para mim, olhem para mim: mantenho meus bons modos diante das mandíbulas abertas da besta, caio com uma graça de princesa no abismo, engulo o vômito escuro para dizer ah, ok, é que eu queria avisar que está tudo bem.

Minha voz de ratinha me encheu de nojo.

Nós dois nos sentamos numa mesa de madeira rústica, ele na cabeceira. Peguei meu gravador, meu caderno e, enquanto ele fazia algo que interpretei como uma prece — olhos muito fechados, braços abertos, palmas para o alto —, olhei ao redor. Havia pichações na parede. Pinceladas grossas de tinta vermelha e brilhante com palavras da Bíblia:

*Arrependei-vos!*

*Eu repreendo e disciplino todos que amo.*

*Pecamos! Agimos perversamente!*

*O fim está próximo!*

*Ele voltará!*

Meus olhos se encheram de lágrimas e, em vez de correr, de gritar, de chutar, de dizer a ele que porra é essa, seu puto louco, maldito psicopata, estou indo embora agora, peguei um pacotinho de lenços de papel e fingi assoar o nariz.

De repente, sem aviso, sem levantar a cabeça, ele começou a falar como se estivesse se dirigindo a si mesmo.

Eu apertei rapidamente o *play* e o *rec*.

Sua voz sem inflexão, plana como um conjuro, soava como uma lixa de madeira.

Começou contando sua infância pobre na cidade, com aquela fome tão avassaladora que os forçava — ele e seu irmão gêmeo — a caçar ratos ou pombos para mastigar outra coisa além da pura miséria, para silenciar o monstro do intestino; falou das brincadeiras com pedras e latas de cerveja vazias, dos sonhos com sorvete, brinquedos, morangos e doce de leite que terminavam quando os dois acordavam na cama imunda, o pesadelo.



Falou da violência, de seu pai massacrando sua mãe, sua mãe sangrando por todos os lados, sua mãe manca, sua mãe devota, sua mãe surda de um ouvido, sua mãe sem dentes.

Sua mãe, a dolorosa.

Ele e seu irmão masturbavam um ao outro para não ouvir. Depois, batiam os punhos contra o corpo, o rosto, os genitais. Eles se sufocavam com sacos plásticos, cortavam-se com facas, arrancavam as unhas, raspavam a cabeça ferindo o couro cabeludo, faziam tatuagens toscas e perversas com agulhas e tinta, queimavam a pele.

Então descobriram a cola de sapateiro, os vícios, a prostituição.

Contou que ele e seu irmão, cada dia mais velhos, cada dia mais homens, cada dia mais sinistros, decidiram matar o pai da próxima vez que ele desse uma surra na mãe. Fizeram punhais com latas e madeiras afiadas e os guardaram sob a cama.

O pai não bateu na mãe de novo porque nunca mais voltou.

Ele e seu irmão chegaram ao final da infância naquele dia: os homens da casa não podem sonhar.

Ele falou que era um viciado em recuperação, que o amor de sua vida havia sido a droga e que, por causa dela, se rebaixou além do que poderia contar. Ele consumira de tudo até o incidente com sua mãe.

A mulher já estava muito doente quando ele e seu irmão resolveram roubar dela, mais uma vez, as poucas notas que a caridade lhe dava e os remédios que tomava para dor. Compraram drogas, saquinhos de uma merda nojenta que eles esquentavam numa colher e injetavam nos braços já quase sem veias. Adormeceram num canto com outros drogados. Não sonharam. Naquela noite, sozinha, sem medicação, em meio às dores que a faziam dar gritos de além-túmulo, tremendo como se estivesse possuída, mastigando a língua, os olhos esbugalhados, as mãos crispadas como galhos, a mãe morreu.

Eles voltaram para casa navegando céus de cor púrpura, gotejando sangue dos braços, cantando doces canções de ninar para crianças mortas. Uma vizinha tinha chamado os paramédicos. Quando os dois se aproximaram da ambulância, acharam os socorristas parecidos com atores de uma comédia de TV. Tudo era hilário para eles, em especial a postura da mãe morta, com a mandíbula torta e os olhos bem abertos. Mamãe, que engraçada, que caretas são essas, mamãe. Eles lhe deram abraços e beijos. Quando os paramédicos estavam prestes a levá-la para fora de casa, os dois irmãos decidiram se trancar lá dentro. Por que aqueles palhaços querem levá-la, se ela está tão feliz? Não é verdade, mamãe, que você está mais feliz do que nunca? Enquanto a polícia tentava derrubar a porta, eles puseram na mãe um vestido de flores miúdas, dançaram com a morta, ajeitaram uma flor de plástico em seu cabelo, mexeram seus braços para fazê-la dançar com graciosidade, deram-lhe vinho e cigarros. É a última vez, mamãezinha, disseram a ela. Desculpe pelos comprimidos, não faremos isso de novo. Mas veja como você está fantástica, você não precisa mais deles. Dance, mamãezinha, dance. Então a mãe morta agarrou seus braços com tanta força que lhes deixou marcas roxas por várias semanas. Alberto apertou seus pulsos como se ainda doessem e, depois de um longo silêncio, lhe saiu um fio de voz.

— Ela olhou para nós e disse que, se voltássemos às drogas, viria nos matar.

Naquele momento, a sobriedade os atingiu e eles perceberam que estavam profanando o corpo decrépito da mãe.

— Até hoje não consigo explicar como foi que ela agarrou nossos braços. Deve ter sido o *rigor mortis*, não sei. A partir de então, mudei completamente de vida, não voltei a me injetar drogas, tive de me afastar dos traficantes, dos conhecidos. Vendi o apartamento, vim para essa aldeia. Aqui a natureza me limpou e aqui encontrei a palavra. Ou a palavra me encontrou,

não sei. Meu irmão também encontrou a palavra, mas de uma forma mais obscura, mais prejudicial.

Ousei fazer apenas uma pergunta.

— Onde ele está agora?

Alberto suspirou.

— Para mim, é difícil falar dele. Amanhã continuamos.

Seu rosto mudou, ele fez uma careta horrível, como se estivesse sofrendo uma dor excruciante, que o transformou em outra pessoa. Seus olhos se converteram em duas brasas vermelho-vivas bem atrás do globo ocular. Gritou com a boca tão aberta que pude ver as lacunas onde deveriam estar os dentes, as manchas pretas de cáries, a língua pontiaguda.

— Diga à vadia que estou aqui. Conte a ela sobre mim, filho da puta. Você trouxe esse pedaço de merda estrangeira para ouvir nossa história, agora conte, mas conte bem, irmãozinho, não se esqueça de nada.

Ele me olhou nos olhos pela primeira vez em toda a tarde.

— O que há de errado com você, sua porca? Quer que eu te diga a verdade, o que o covarde do meu irmãozinho não é capaz de te dizer? Você quer que eu te fale sobre Nosso Senhor da Noite? Você acha que tem a porra do direito de entrar na nossa casa assim do nada? Lixo estrangeiro, sua puta nojenta, por que você veio? Para roubar. É para isso que todos vocês vêm. Claro, vocês vêm para tirar o que é nosso. Vocês querem tudo, tudo: nosso dinheiro, nossas histórias, nossos mortos, nossos fantasmas. Você já vai ver o que o Senhor e eu reservamos para você e para todas aquelas vadias que vêm sujar nossas ruas.

Os cães latiram enlouquecidos.

— Você sabe de que meus cachorros se alimentam? De putas estrangeiras como você.

Olhem para mim, olhem para mim. Eu me levanto numa velocidade impossível, recuo até ficar colada na parede, cubro o rosto com as mãos, mordo o punho para que não saia o grito que me ensurdece por dentro. O raio branco do terror me

atravessa completamente. O coração, como um louco perigoso, bate contra as paredes. Eu gemo, peço por favor, por favor, por favor. Digo que tenho uma filha, Alberto, por misericórdia.

— Sente-se agora mesmo, sua vadia, claro que você tem filhos, todas vocês dão à luz como porcas, vocês têm tantas crianças que, em breve, não haverá mais ninguém com sangue limpo nessa porra de mundo. Nós vamos matar todas vocês.

Ele cuspiu no chão.

Àquela hora, a única luz que nos iluminava vinha da lareira que estava atrás dele, e uma luz âmbar avermelhada brilhava às suas costas, projetava sombras gigantescas nas paredes que gritavam em vermelho brilhante: arrependei-vos, o fim está próximo, arrependei-vos.

Eu o vi se aproximar de mim.

Olhem para mim, olhem para mim. Iluminada de pavor, os olhos cegos e gigantescos, à beira do desmaio, o cérebro fazendo como uma pedra de amolar.

Olhem para mim, olhem para mim. Obrigando-me a pensar na única coisa possível: você está sonhando, isso não é real, acorde agora, acorde.

Olhem para mim, olhem para mim. Quando ele já está tão perto que posso sentir seu hálito de salitre e decomposição, faço xixi nas calças, não consigo falar. Faço sons guturais, guinchos, como se, em vez de humana, eu fosse um coelho ainda vivo nas mandíbulas de um lobo. Minha voz sai atordoada, apenas um suspiro.

— Alberto, eu lhe imploro, pense na sua mãe, Alberto.

Olhem para ele, olhem para ele. Cala-se como se tivesse sido apagado com um extintor de incêndio, baixa a cabeça, pede desculpas.

— Olhe, me desculpe, meu luto é muito recente e às vezes não me sinto bem.

Já era noite escura, a noite mais negra que se possa imaginar, a de quando o mundo ou suas criaturas não existiam, quando

ele se afastou de mim. Acendeu velas vermelhas que distribuiu pela casa. Havíamos passado sete horas sentados, sem água, sem comida, sem ir ao banheiro.

– Alberto? Você está bem?

– Claro, mulher, claro.

– Alberto? Você poderia me levar até a estação? Sabe, estou pensando que é melhor depois...? Quer dizer, eu gostaria de voltar...

– Impossível, não tenho carro e a essa hora não há ônibus.

Peguei minha mochila e a abracei. Perguntei onde ficava o banheiro num sussurro. Estava encharcada em minha própria urina e, além disso, menstruada. A umidade sangrenta corria por minhas pernas até os sapatos. Em meu estômago, estava acesa uma vela de ignição de terror.

Quando ele abriu a porta do banheiro, o cheiro escapou como um animal selvagem, faminto e tóxico. Entrou em minhas narinas como um estupro e me empurrou para trás. Cheirava a amônia pura, a coisa morta, pus, sangue podre, escape de gás. Iluminado pela luz vermelha da vela, o chão, a privada, grande parte das paredes, a pia, a banheira, tudo era de uma cor acastanhada que parecia viva, orgânica. Tive de fazer um esforço imenso para não vomitar. A pestilência me embebia por dentro como um banho de águas fecais, e as solas de meus sapatos grudavam naquela coisa escura e emborrachada que cobria o chão.

Eu teria preferido fazer lá fora, entre as árvores, mas pensei nos cachorros, no escuro, nele e no que quer que fosse o Senhor da Noite.

Metade da porta do banheiro era de vidro chanfrado. Enquanto eu tentava fazer xixi agachada sem me sujar de urina ou sangue, enquanto tirava minhas calças, a calcinha e o absorvente encharcado, tentando não tocar em nada e ao mesmo tempo ficar limpa, vi a sombra da cabeça dele cada vez maior do outro lado da porta. Não saiu dali. Ouvi uma voz sussurrando que

não, que não, e outra, aquela outra voz diferente e monstruosa que dizia mariquinha, sua porra de maricas, você não faz nada certo, sua porra de doente, idiota, por que você a trouxe então?

Eu o imaginei quebrando o vidro, destrancando a porta e me estuprando e me matando naquele chão repugnante, onde flutuavam coisas que pareciam cabelo, que pareciam coágulos.

Eu queria lhe dizer para não me espionar, eu queria gritar com ele qual é o seu problema?, mas nenhuma palavra saiu. Procurei por onde fugir, mas no banheiro só havia uma pequena janela gradeada.

Ao lado do banheiro ficava o quarto que Alberto tinha preparado para mim. Havia uma pequena cama, uma mesinha de cabeceira e uma cadeira de balanço na qual se sentava um velho urso de pelúcia gigantesco. O cômodo tinha uma janela com cortinas e através delas era possível ver a sombra dos cachorros, um do lado do outro, de pé, tão altos quanto eu. Ouvia-se a respiração dos animais, forte, áspera, caçadora.

Alberto colocou velas vermelhas na mesinha e o quarto se encheu de uma luz enfermiça, de igreja velha, aquela que ilumina as meninas de joelhos em genuflexórios empoeirados, pedindo desculpas por coisas que elas não sabiam que eram pecado.

Na parede havia outro enorme grafite vermelho: *Arrependa-se!*, e sobre a cama uma cruz com um Cristo banhado em sangue.

— Este era o quarto da minha mãe. Aqui você vai ficar confortável.

Ele fechou a porta, afastou-se alguns passos e voltou.

— Não se esqueça de passar o trinco.

Olhem para mim, olhem para mim. Sozinha num quarto gelado que cheira a mofo e velharia, e separada por uma simples porta de um homem que ameaçou me atirar como comida a seus cães. Tento não fazer barulho. Empurro com cuidado a cama contra a porta e subo nela sem tirar os olhos do ferrolho.

Olhem para mim, olhem para mim. Uma estrangeira sozinha que é como um cervo que é como um bebê que é como uma